

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA

Paula Carolina Gans*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trabalhar algumas questões acerca do ensino de Filosofia e como o ensino de Filosofia pode contribuir no processo de formação. Em 2008 é aprovada a lei nº11684, que inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Quais os impactos que a inserção de uma disciplina gera na formação do aluno e na organização da escola? O levantamento de dados foi realizado a partir de revisão bibliográfica a partir da leitura de livros e artigos científicos relacionados ao tema. A reflexão do ensino de filosofia aconteceu a partir das reflexões realizadas por Matthew Lipman, pioneiro na educação de Filosofia com crianças. Educadores têm percebido os resultados da inserção da filosofia na formação educacional no processo de desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Educação. Ensino de Filosofia. Crianças.

Introdução

Na história da educação no Brasil, o ensino de filosofia nas escolas entrou e saiu do currículo diversas vezes. Em 2008 é aprovada a lei nº11684, que inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

Quais os impactos que a inserção de uma disciplina gera na formação do aluno e na organização da escola? Quais os requisitos e as perspectivas que a disciplina da Filosofia implica? O que essa realidade provoca? Quais as repercussões e que outras questões se abrem diante da inserção da Filosofia no currículo? Diante da complexidade da questão, serão realizadas breves reflexões acerca da contribuição da Filosofia no processo educacional.

Este trabalho tem como objetivo geral refletir como a Filosofia pode contribuir de modo efetivo no processo formativo nas escolas, tendo como recorte o ensino de Filosofia para crianças. As perguntas iniciais deste trabalho foram quais como o ensino de Filosofia

* Acadêmica do 5º semestre (2015) do curso de Filosofia na FAPAS. E-mail: irmamariapaula@hotmail.com

pode se inserir de modo efetivo no cotidiano das escolas e contribuir no processo formativo dos professores e alunos e quais os desafios para tal e perspectivas nessa direção.

O levantamento de dados foi realizado a partir de revisão bibliográfica a partir da leitura de livros e artigos científicos relacionados ao tema.

1 Contextualização da Educação e o Ensino de Filosofia: um breve panorama

Para Ferreira e Guimarães (2003, p.131) “educar é um processo que permite ao homem chegar a ser o sujeito de sua própria ação, em harmonia consigo, e não apenas o objeto de outros sujeitos. Esse é o caminho e o meio para que o homem possa construir-se como pessoa, em termos de ‘ser’, e não ‘ter’”. O processo de educação é complexo e envolve diversos atores: família, professores, amigos, redes, mídia, etc. E na formação do indivíduo e na sociedade, a escola exerce um papel determinante.

Eu acho que existe uma visão muito deturpada do que é escola. Ela é o local de encontro universal de gerações. Existe para as pessoas se reconhecerem, olharem para o lado e verem quem serão as pessoas da sua idade com que vão estar juntas de agora em diante. Com quem desse grupo eu vou, um dia, me casar, ser feliz? Quem é a pessoa que vai trabalhar comigo? Ou que vai à festa comigo? Nesse momento, se eu tenho todas as condições humanas, se eu reproduzo, dentro da escola, a humanidade como ela é, começo — olha que interessante! — a me articular eticamente num contexto real, começo a testar, a saber verdadeiramente o que eu posso dar, o que posso receber, quem vou ajudar, como posso ser ajudado... (PORTAL EDUCACIONAL, 2001).

Pensar o papel da escola nos dias atuais implica em considerar as transformações da sociedade bem como sua relação com a escola. Libaneo, J., Oliveira, J., Toschi, M. (2007) sinalizam a influência do mercado como regulador das relações no ambiente escolar, destacando alguns exemplos: a exigência de um novo perfil de trabalhador; determinação das finalidades e valores que sejam compatíveis com os interesses do mercado; mudanças nas práticas devido ao avanço tecnológico. De modo subliminar outra verdade é revelada: a centralidade do conhecimento, do saber e da técnica em detrimento das humanidades.

Em contrapartida, é sinalizada a importância de pensar (ou repensar) o papel da escola para responder as necessidades de um novo tempo, para que a escola contribua efetivamente na formação de cidadãos críticos, éticos e solidários. Isso requer rever valores de modo crítico e consciente, ao invés de ser um mero instrumento a serviço de uma determinada ideologia ou modelo econômico. E qualquer seja o posicionamento assumido, paga-se um preço das

suas consequências. Por isso, a importância de um processo consciente e autônomo, para que, independente da posição tomada, ela seja feita de modo livre e responsável.

E, como aponta Lipman (1990, p.27-28), numa época em que a maioria das humanidades foi colocada contra a parede, ela é uma “sobrevivente” por ser considerada supérflua na “formação de futuros homens de negócios e cientistas.” Porém, o processo de formação é amplo, abrangendo questões que estão para além da transmissão e aquisição de conhecimento. “Aprender deu lugar ao pensar” (LIPMAN, 1990, p.163), dando lugar a uma grande mudança de paradigma.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de nº 9394, do ano de 1996 (SENADO, 2005), que define e regulariza o sistema brasileiro de educação, já determinava que, ao final do Ensino Médio, os estudantes deveriam apresentar “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (Seção III, artigo 36, parágrafo 1º).

Este foi um avanço significativo para a presença da filosofia nesse nível de ensino, uma vez que em 1961 (com a Lei n. 4.024/61), a filosofia deixa de ser obrigatória e, a partir de 1971 (com a Lei n. 5.692/71), época do regime militar, ela praticamente desaparece das escolas. (FÁVERO et al., 2004, p.259)

Em 2008 é aprovada a lei nº11684 que inseria a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias no ensino médio. Depois de entrar e sair do currículo ao longo da história observa-se que tanto o seu processo de inserção como o de exclusão da disciplina do currículo sempre esteve atrelado ao contexto histórico vivido pelo país e a concepção vigente de educação. Muitos se perguntam sobre a importância da Filosofia e quais suas implicações práticas na vida.

Em 2003 foi realizada uma pesquisa solicitada pela UNESCO com o objetivo de mapear as condições do ensino de filosofia no país, oferecendo uma descrição das diferentes condições de ensino de filosofia nas diversas regiões brasileiras (FÁVERO et al., 2004, p.257).

Inicialmente, como apontado por este estudo (FÁVERO et al., 2004, p.259), diferentes posicionamentos são encontrados quanto a pertinência do ensino de Filosofia: os que defendiam que a Filosofia deveria ser lecionada como uma disciplina autônoma e outros que defendiam que a Filosofia deveria estar presente de modo transversal nas disciplinas. Em 2003 houve uma audiência pública sobre o retorno da filosofia e da sociologia no currículo do ensino médio. E segundo dados desta pesquisa, ou seja, antes da lei nº 11684 que inseria o

ensino de Filosofia e Sociologia como disciplina obrigatória nas escolas, observa-se que alguns estados já adotavam a filosofia no ensino médio seja como leis estaduais seja por recomendações das secretarias estaduais de educação.

Quanto ao ensino de Filosofia nos outros níveis de educação (infantil e fundamental), Fávero et al. (2004, p.266-267) citam algumas iniciativas de escolas que adotam a filosofia como disciplina em seus currículos. Ocorre a partir de diversas iniciativas: seja pela adesão de algumas escolas; seja pela obrigatoriedade por lei em alguns municípios (na Bahia e no Mato Grosso); seja a partir de pesquisas e iniciativas de universidades e escolas.

Com o passar do tempo e a partir de algumas experiências, a presença da filosofia nas escolas tem sido mais aceita e desejada. Observa-se que o ingresso da filosofia nas escolas tem acontecido de modo gradual, mas “é perceptível e cresce com regularidade”. (LIPMAN, 1990, p.13)

2 Sobre o ensino de Filosofia

Educadores têm percebido os resultados da inserção da filosofia na formação educacional. O desenvolvimento do pensar reflexivo, o aprofundamento de discussões e o estímulo à atitude de investigação são questões relevantes no processo de formação de sujeitos autônomos como previsto na LDB.

A LDB, no artigo 2º, prescreve que a “educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”; o artigo 3º (inciso II) prescreve que o ensino será ministrado com base nos princípios de “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”; o artigo 35 estabelece como uma das finalidades do Ensino Médio o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (inciso III) e a “compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina” (inciso IV).

Desde o início da história da filosofia, é possível observar a relação da Filosofia com a educação. Observa-se a partir dos diálogos de Sócrates (PLATÃO, 1996), uma atitude de princípio e busca da verdade, em que procurou levar os homens a questionarem a si mesmos, reconhecendo suas limitações e ignorância, e assim, o despertar de suas consciências. Ou seja, a filosofia e a relação com o bem pensar, com a arte do bem viver.

“Poucos lugares se mostram tão apropriados para o exercício do questionamento filosófico como a sala de aula.” (LIPMAN, 1990, p.10). Ou seja, aqui a sala de aula é vista como lócus estratégico para o exercício do bem pensar.

O lema assumido por Sócrates “Conhece-te a ti mesmo” é um convite que se mantém atual através dos tempos. O lema é o eixo orientador da vida do filósofo, o qual partia do reconhecimento que nada sabia como princípio e busca da verdade.

A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista ao órgão da alma, pois que este já o possui; mas como ele está mal disposto e não olha para onde deveria, a educação se esforça por levá-lo à boa direção. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p.42)

O compromisso da Filosofia com a educação e na formação do sujeito é notável. Alguns pontos podem ser destacados do ensino de filosofia e sua repercussão na vida. O primeiro ponto a ser destacado é o da argumentação. Seja nas relações familiares, de trabalho, escola, entre outras, faz-se necessário apresentar e fundamentar de modo claro o ponto de vista pessoal bem como o desenvolvimento de um bom raciocínio para compreensão do pensamento da outra pessoa. Outro ponto a ser destacado é o de estar aberto a novas ideias.

Uma das atitudes básicas da filosofia é a atitude de investigação e de busca de soluções que vão além da trivialidade do senso comum. Reconhecer quais são os valores que regem a própria vida e suas escolhas e ter a coragem de interroga-los é definitivamente um passo importante na busca do conhecimento e de um pensamento livre.

Quanto mais a pessoa vai desenvolvendo sua racionalidade, mais ela vai desenvolvendo sua capacidade crítica na análise e busca das soluções para os problemas apresentados nas situações cotidianas da vida.

“A filosofia é interdisciplinar por excelência. (...) O pensamento crítico gerado pela filosofia infunde nas demais disciplinas o questionamento, o espírito de auto-correção e a razoabilidade, assim como a busca de normas e padrões de logicidade e racionalidade.” (LIPMAN, 1990, p.10).

3 Filosofia com crianças

Para as reflexões para o ensino de Filosofia com Crianças serão utilizado algumas reflexões propostas por Matthew Lipman, educador pioneiro que realizou diversos trabalhos nesta perspectiva. “Que as crianças pensam de forma tão natural quanto falam ou respiram –

disso eu não tinha dúvida. Mas como ajudá-las a pensar bem?”. (LIPMAN in SOUZA, 2013, p.15).

Para ele, o aprender a pensar de modo crítico, a investigação sobre questões filosóficas e a formação de julgamentos razoáveis devem começar desde cedo na formação dos estudantes. “É na infância que a mente está aberta a aprendizados importantíssimos para o prosseguimento da vida, e ainda mais para a formação humana.” (SOUZA, 2013, p.14)

Segundo Muraro (2009), desde pequena, a criança vivencia inúmeras experiências bem como já está exercendo de certa forma, sua experiência de pensar e refletir sobre o cotidiano vivido. Coloca-se diante perguntas que envolvem os conceitos de verdade, justiça, autoridade, amor, etc. E a filosofia pode auxiliá-la no processo de significação e busca de sentido, dando novo dimensionamento a estas experiências vividas.

Nessa perspectiva, a sala de aula pode ser um local estratégico para o desenvolvimento das capacidades para o desenvolvimento do pensamento crítico. O ambiente de sala de aula numa comunidade reflexiva e de investigação. Por investigação, Lipman (1990, p.37) compreende como a “perseverança na exploração autocorretiva de questões consideradas, ao mesmo tempo, importantes e problemáticas”. “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer” (ARISTÓTELES, livro I, p.3). E a escola deve favorecer um ambiente que auxilie a criança a desenvolver suas habilidades para um pensamento reflexivo, crítico e autônomo.

Conclusões

O ser humano tem a capacidade de atribuir novos significados e sentidos. Por isso, é capaz de dar novos significados e transformar a sua realidade, o seu fazer e o modo de se relacionar e se expressar.

O processo educacional tem sofrido uma mudança de perspectiva de paradigma, onde se percebe a necessidade de uma educação mais plena e que favoreça o desenvolvimento das humanidades. A Filosofia em muito tem a contribuir para esse processo de formação do sujeito com autonomia e capacidade de um pensamento crítico e reflexivo já que interfere no posicionamento diante de uma questão, na problemática da mesma e na relação com o modo de viver.

Segundo Lipman (1990, p.19), é cada vez maior a adesão dos educadores ao ensino de Filosofia especialmente com crianças, dada a sua contribuição significativa no processo

educacional. E se a Filosofia for oferecida aos estudantes na mais tenra idade, maior será a capacidade reflexiva das pessoas.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**: volume II; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Ed. Loyola. 2013. 3ª ed.

FAVERO, A. et al . O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 64, Dec. 2004. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/FilipeCeppas.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

FERREIRA, M., GUIMARÃES, M., **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIBANEO, J., OLIVEIRA, J., TOSCHI, M., **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2007, 4ª Ed.

LIPMAN, M., **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus. 1990.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 09 abr. de 2015.

MURARO, D., **Filosofia da Educação e Filosofia para Crianças**. 2009. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145&Itemid=390>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PLATÃO, **Diálogos. Eutífron ou da religiosidade. Apologia de Sócrates. Críton ou do dever. Fédon ou da alma**. São Paulo-SP: Nova Cultural, 1996

PORTAL EDUCACIONAL, **A humanidade como ela é**, Novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0073.asp>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

SENADO FEDERAL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

SOUZA, T., O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. **Rev. Filogênese**. Marília, Vol. 6, nº 2, 201. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.